

Sinopse Camarões dos Pampas 2026

"A Sagrada Senhora"

Apresentação do Enredo:

Ao apresentar o enredo "A SAGRADA SENHORA" o Grêmio Recreativo Escola Virtual Camarões dos Pampas se debruça e celebra a vida de Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora, terceira lalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá e Oxum Muiúá. Símbolo da resistência negra, do protagonismo feminino e da preservação cultural afro-brasileira.

Em tempos de intolerância religiosa, levar sua história à Avenida é ato político de reparação e reconhecimento. Intelectual orgânica, conselheira de artistas como Jorge Amado, sua barraca "A Vencedora" foi território de sabedoria onde o saber acadêmico se curvava à ciência do terreiro.

Consagrada Iyanassô pelo Alafin de Oyó, estabeleceu pontes diplomáticas entre Brasil e África décadas antes das políticas de reparação histórica. Governou com força e doçura, desmontando estereótipos e afirmando o lugar de poder das mulheres pretas. Exaltar sua memória é combater a intolerância e afirmar as religiões de matriz africana como patrimônio cultural brasileiro.

Sua trajetória, contada com o esplendor do carnaval, prova que a história negra é bela, grandiosa e merece ocupar todos os espaços. Que suas águas doces abençoem este desfile mostrando que o axé venceu mais uma vez.

A seguir, a sinopse que ilustra de forma poética e carnavalesca a proposta dita acima.

"A Sagrada Senhora"

Quando as águas de Oxum encontraram a Bahia, o céu se curvou para abençoar a terra.

Nas dobras do tempo, onde o sagrado tece a existência, um chamado ecoou das profundezas do Òrun. Era o fluir ancestral que descia a Ladeira da Praça, anunciando a chegada da menina nobre, herdeira Asipá, de Oyo e Ketu. Maria Bibiana do Espírito Santo despontava como flor de Oxum, trazendo na cuia sagrada a navalha de sua bisavó — herança de Obá Tossi, sopro de Marcelina, guardiã dos mistérios que atravessaram o Atlântico nas águas do esquecimento e da memória.

No tabuleiro da vida, eis que floresce "A Vencedora". Entre mangas, araçás e tamarindos, o Mercado Modelo tornou-se terreiro profano onde o sagrado se fazia quitute. Os bolinhos de manauê carregavam axé, as bolachinhas de goma alimentavam corpos e almas. Ali, a Sabedoria se fez quitandeira, acolhendo intelectuais, poetas e cambistas no colo generoso de quem sabia que o alimento do corpo é também alimento do santo. Jorge Amado curvou-se, Pierre Verger eternizou no olhar, Camafeu de Oxóssi festejou e a Bahia aprendeu que a nobreza também se assenta no tabuleiro.

Mas foi no Ilê Axé Opô Afonjá que o trono se firmou. Senhora foi preparada por Obá Biyi para ser sua sucessora, foi a Ossidagã de Mãe Aninha. Sob o olhar justiceiro de Xangô, a lalorixá teceu sua teia de axé. Ampliou os cargos de Obás de doze para trinta e seis (os otuns e os ossi obás), fortaleceu os alicerces da fé, e governou com mãos que ora empunhavam o cetro da autoridade, ora se abriam no colo acolhedor de Oxum. No terreiro de São Gonçalo do Retiro, o marrom da terra se vestiu de branco, e o vermelho de Xangô dançou com o dourado das águas doces. No Axé Funfun, a Casa de Oxalá guardava em silêncio os passos daquela que sabia ouvir o oráculo antes de falar, que consultava os búzios com a paciência de quem aprendeu que o tempo do santo é outro tempo.

Atravessou o oceano para reencontrar a origem. No Palácio do Alafin de Oyó, na Nigéria recebeu um edun ará e um xerê de Xangô, acompanhados de uma carta, tratando-a com título de Iyanassô — autoridade máxima do culto a Xangô no Novo Mundo. Daomé, Gana, Senegal reverenciaram a Mãe Preta que carregava no peito a comenda da resistência. Seu nome ecoou nas águas do Golfo da Guiné, e os

tambores africanos saudaram a rainha que partira em navio de escravidão e retornava em navio de glória.

Quando o sol raiou na manhã derradeira, a Senhora partiu para o Òrun. O silêncio respeitoso cobriu a Casa de Oxalá, mas as águas não cessaram de cantar. Oxum Muiuíá, a dona da casa das joias, despiu-se do corpo para vestir-se de estrela. Seu rio encontrou o mar, seu axé encontrou a eternidade.

Hoje, a Avenida se abre em rio de saudade e louvação. Passistas, baianas, obás, ogãs e filhos de santo entoam o canto que não se cala: Ela vive nos araças que ainda florescem, nos búzios que ainda falam, nas águas que ainda correm.

Salve a Menina da Ladeira, a Quitandeira da Sabedoria, a Iyanassô do Brasil... a Sagrada Senhora.

Oro mi maié, Oxum! A Vencedora venceu mais uma vez — agora, na memória do povo, que é onde o santo nunca morre.

- Pesquisa e texto: Leandro Ramos

Glossário:

- A Vencedora: Nome da barraca de quitutes que Maria Bibiana (Mãe Senhora) mantinha no Mercado Modelo, em Salvador. O texto a descreve como um "território de sabedoria" e ponto de encontro de intelectuais e artistas.
- Alafim de Oyó: Título dado ao rei supremo do Império de Oyó, uma poderosa cidade-estado iorubá localizada na atual Nigéria. Foi o Alafim quem consagrou Mãe Senhora como Iyanassô.
- Asipá: A linhagem Asipá é uma das sete famílias fundadoras de Ketu, com papel fundamental no culto aos Orixás no Brasil.
- Axé: Força vital, energia sagrada, poder de realização. É o princípio que move tudo nas religiões de matriz africana. No texto, aparece como "axé venceu", "carregavam axé" e "teia de axé".
- Axé Funfun: Refere-se ao culto a Oxalá, o orixá funfun (branco), associado à criação, à paz e à sabedoria.
- Búzios: Conchas utilizadas no jogo de adivinhação (oráculo) para se comunicar com os orixás e ancestrais, revelando o destino e oferecendo conselhos.
- Camafeu de Oxóssi: Importante sambista, compositor e figura do carnaval baiano, ligado ao candomblé e amigo de Mãe Senhora.
- Candomblé: Religião de matriz africana que cultua os orixás, voduns ou inquices, preservando a cultura e a espiritualidade dos povos trazidos como escravizados para o Brasil.

- Casa de Oxalá: Espaço sagrado dentro de um terreiro de candomblé dedicado a Oxalá, o orixá da criação.
- Edun ará: Objeto sagrado de Xangô, geralmente feito de pedra (pedra de raio) e acondicionado em uma bolsa de couro ou quartinha. Simboliza a presença e o poder do orixá da justiça.
- Ialorixá: Sacerdotisa máxima de um terreiro de candomblé, responsável pela direção espiritual e administrativa da comunidade. Mãe Senhora foi a terceira Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá.
- Ilê Axé Opô Afonjá: Tradicional e respeitado terreiro de candomblé da nação Ketu, fundado em Salvador no início do século XX. Mãe Senhora foi sua terceira dirigente.
- Iyanassô: Título de grande autoridade religiosa no culto a Xangô, conferido a Mãe Senhora pelo Alafim de Oyó. É um dos mais altos títulos que uma sacerdotisa pode receber.
- Jorge Amado: Renomado escritor baiano, conhecido por retratar a cultura e o povo da Bahia em suas obras. Foi frequentador da barraca de Mãe Senhora e a tinha como conselheira.
- Ketu: Uma das principais nações do candomblé, originária da região de Ketu, no atual Benin. O Ilê Axé Opô Afonjá é um terreiro de nação Ketu.
- Mãe Aninha (Obá Biyi): Fundadora e primeira Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá. Foi ela quem preparou Mãe Senhora para sucedê-la.
- Marcelina (Obá Tossi): Importante figura histórica do candomblé baiano no século XIX, uma das fundadoras do terreiro da Casa Branca do Engenho Velho e ancestral de Mãe Senhora.
- Mercado Modelo: Tradicional mercado público de Salvador, onde Mãe Senhora tinha sua barraca "A Vencedora".
- Obá: Título dado a altos dignitários e auxiliares masculinos de um terreiro de candomblé, incumbidos de funções específicas. Obás de Xangô eram um grupo de 12 ministros (iniciados ou não no candomblé) encarregados de defender o terreiro e fazer a ponte com a sociedade. Mãe Senhora ampliou o número desses cargos os organizando em Otuns (lado direito) e Ossi Obás (lado esquerdo).
- Òrun: O mundo espiritual, a morada dos orixás e dos ancestrais, na cosmovisão iorubá.
- Oro mi maié: Saudação em iorubá que significa "Minha mãe me proteja" ou "Minha mãe me guarde", geralmente dirigida às grandes mães ancestrais.
- Ossidagã: Título ou cargo específico dentro da hierarquia do candomblé. É uma função ritualística, frequentemente associada à administração ou a tarefas rituais específicas dentro do terreiro.
- Oxalá: Orixá funfun, considerado o pai da criação. É associado à pureza, à paz e à sabedoria. Sua cor é o branco.
- Oxum (Oxum Muiuíá): Orixá das águas doces, do amor, da riqueza, da beleza e da fertilidade. Mãe Senhora era filha e sacerdotisa de Oxum, e "Oxum Muiuíá" refere-se a uma qualidade de Oxum associada à pureza, ela representa uma versão jovem de Oxum, marcada pela doçura e beleza, "a dona da casa das joias".
- Oyó: Antigo império iorubá na atual Nigéria, de grande importância política e religiosa para a cultura e o candomblé.

- Pierre Verger: Fotógrafo, etnólogo e pesquisador francês que se dedicou a estudar e registrar a cultura afrobaiana e o candomblé. Foi amigo e registrou imagens de Mãe Senhora.
- Xangô: Orixá da justiça, do trovão, do fogo e do poder masculino. É o patrono do Ilê Axé Opô Afonjá.
- Xerê: Instrumento musical sagrado, um tipo de chocalho, utilizado nas cerimônias para Xangô.

Referências Bibliográficas:

- SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos. História de Um Terreiro Nagô. 2ª edição. São Paulo: Editora Max Limonad, 1988.
- SANTOS, José Félix dos; NÓBREGA, Cida. Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora: saudade e memória. Salvador: Corrupio, 2000.
- SANTOS, Maria Stella de Azevedo. Meu Tempo é Agora. 2ª edição. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia, 2010.
- VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás. Salvador: Corrupio, 1981.